



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO/NO CAMPO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA BARREIRO GRANDE EM SERRA DO RAMALHO-BA

Odair Ledo Neves¹

Romário Pereira Carvalho²

Maria Aparecida Rosa da Silva Santos³

RESUMO: Este artigo socializa um trabalho desenvolvido na comunidade Barreiro Grande situada no município de Serra do Ramalho-BA por meio do projeto Tecendo Saberes, proposta que fortaleceu a relação entre estudantes da Educação de Jovens e Adultos e estudantes do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, turma multisseriada. O projeto foi desenvolvido em duas etapas: a primeira etapa discutiu-se a organização do trabalho pedagógico das escolas do campo e das turmas multisseriadas e, no segundo momento, os estudantes da EJA apresentaram suas culturas, saberes e produções locais em uma roda de diálogo com os alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, turma multisseriada. O projeto contou com a participação de 2 coordenadores, 3 professores e 30 estudantes. Ao possibilitar o contato entre os estudantes e a socialização do que os estudantes da EJA produzem evidenciamos a importância de um currículo vivo para este público que reconheça a cultura e as formas de vida. Os jovens e adultos têm muito a ensinar as crianças da comunidade no sentido de permanecer viva suas manifestações sociais e culturais. Em síntese, podemos afirmar que a EJA construiu sua própria especificidade como educação, com um olhar sobre os seus sujeitos, uma educação ampla, plural que não se restringe ao ensino.

Palavras-chave: EJA. Experiência Formativa. Projeto tecendo saberes.

Introdução

A história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) se confunde com a história do social reservado aos setores populares. Nesse sentido, o lugar social, político e cultural almejado pelos excluídos, sujeitos coletivos na diversidade de seus movimentos sociais dialogam com o pensamento pedagógico progressista que inspiraram concepções e práticas de educação de jovens e adultos, criativa e promissora (ARROYO, 2005).

Nesse contexto, ao analisar o corpo legal, vimos que a EJA é uma modalidade da Educação Básica assegurada pela Constituição Federal de 1988, que afirma a obrigatoriedade e a gratuidade do Ensino Fundamental, inclusive para aqueles que não tiveram acesso na “idade própria”. Durante (2003) ao discutir sobre a EJA problematiza as condições de negação socioeconômica que existe no país e defende que para mudar o quadro de desigualdade não significa simplesmente oferecer uma educação de qualidade, antes precisa vinculá-la a mudanças na qualidade de vida social, econômica, política e cultural em que vive a população brasileira.

¹ Mestre em Educação do Campo (UFRB); Professor em Serra do Ramalho-BA. E-mail: odairln@yahoo.com.br

² Especialista em Educação do Campo; Coordenador de Educação do Campo em Serra do Ramalho-BA.....

³ Mestre em Ciência da Educação; Secretária Municipal de Educação de Serra do Ramalho-BA.....

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



Arroyo (2005) retoma traços da herança popular e interrogar as possibilidades e limites de incorporação da EJA no corpo legal tratando-a como um modo de ser do ensino fundamental e médio. A EJA traz um legado de educação como direito humano, pois se trata de uma modalidade que enfatiza uma visão totalizante do jovem e adulto como ser humano, com direito a se formar como ser pleno, social, cultural, cognitivo, ético, estético e de memória. Neste sentido, este artigo socializa um trabalho desenvolvido na comunidade Barreiro Grande no município de Serra do Ramalho-BA, em que traz o protagonismo dos estudantes da EJA apresentando suas memórias, vivências e trabalhos desenvolvidos na comunidade para estudantes do Ensino Fundamental anos iniciais.

Educação de jovens e adultos no campo

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade específica da educação básica e, de acordo com Araújo (2012), trata-se de uma educação destinada aos diferentes sujeitos que, estando no campo e/ou na cidade, tiveram o acesso e a permanência à educação escolar negados, seja durante a infância, adolescência ou na juventude. Por outro lado, diferentes fatores marcam a origem da negação do acesso dos jovens e adultos à escolarização, dos quais se pode elencar: fatores socioeconômicos, ausência de vagas nas escolas, sistema de ensino precarizado, entre outros.

A EJA no campo brasileiro caracteriza-se como práticas escolares e não escolares desenvolvidas com e para os trabalhadores jovens e adultos que habitam esse espaço e, nas suas trajetórias de vida, não tiveram a oportunidade de entrar na escola ou que entraram e não puderam nela permanecer. Fruto dessas lutas e demandas, temos a criação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) em 16 de abril de 1998, por meio da Portaria nº 10/98, publicada pelo Ministério Extraordinário de Política Fundiária. Com esse programa, se concretiza a educação de jovens e adultos do campo, principalmente os residentes em áreas de assentamento de reforma agrária. Sua ampliação possibilitou o desenvolvimento de ações desde a alfabetização de jovens e adultos a cursos de pós-graduação (BRASIL, 2010).

A partir desse olhar, a educação discutida para o campo questiona o modelo de educação, escola e estrutura pedagógica marcadas por práticas excludentes e seletivas. No cerne de sua origem, busca firmar os imperativos do movimento social, que a educação e a escola sejam democráticas, que promovam igualdade, respeito e dê dignidade aos povos do campo.

IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



Discutir os sujeitos do campo requer o reconhecimento de traços marcantes de identidades e manifestações culturais, a saber: religiosidade, festas, modos de falar, de vestir e de se relacionar entre si e com o meio. Essas peculiaridades são características próprias da cultura como bem ressalta Santos (2006, p.8) “cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos. Quando se considera as culturas particulares que existem ou existiram, logo se constata a sua grande variação”.

Assim sendo, toda cultura é permeada de valores e sentidos para aqueles que a vive e, materializa-se dentro de uma lógica interna que justifica suas práticas, costumes, concepções e, até mesmo as transformações que são passíveis de acontecer. Ao discutirmos sobre as culturas do campo e os processos de constituição dos sujeitos e da educação oferecida no meio rural, é interessante situar o papel da escola nesse processo.

A escola do campo que tem sua origem a partir dos projetos da educação do campo materializa-se numa proposta que contrapõe à ideia de uma educação elitizada, pensada pela aristocracia e colocada em funcionamento por ela. Assim, ao refletir a escola no contexto atual, percebemos que ela mantém estreita relação com a visão de quando ela surgiu na Europa, vista como central na construção e manutenção da nova ordem social, fortemente ligada ao capitalismo, visando principalmente o preparo para o manejo das máquinas. E, com a burguesia, a preocupação central era formar trabalhadores disciplinados.

Ressaltamos que além do reconhecimento da diversidade cultural que permeia o campo, o currículo deve ser visto como processo que dinamiza a produção da vida das pessoas do campo e, respeite o direito a diferença na diversidade.

Dito isso, não se pode perder de vista também que a escola além de exercer o papel de transmissora de cultura legítima e legitimada, ela possui uma cultura própria, a cultura escolar, como afirma Silva (2017) que cultura perpassa todas as ações do cotidiano escolar, na influência dos seus ritos, sobre a sua linguagem, na determinação das suas formas de organização e na construção dos sistemas curriculares.

A Educação do Campo deve ser específica e diferenciada como defendeu a Primeira Conferência Nacional *Por uma Educação Básica do Campo* “deve ser educação, no sentido amplo de processo de formação humana, que constrói referências culturais e políticas para a intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade, visando a uma humanidade mais plena e feliz” (FERNANDES; CERIOLI; CALDART, 2009, p.23).

Para Caldart (2012, p. 257):



A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade atual, protagonizada pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana.

Neste ponto, é necessário discutir a organização da escola do campo, partindo do princípio de que a ação que acontece no âmbito da organização escolar faz parte de processos educativos sociais e escolares, tornando visível a articulação entre organização escolar e organização social. Assim sendo, a EJA na dimensão dos sujeitos do campo tem uma perspectiva para além da escolarização, considera os aprendizados que os trabalhadores vão adquirindo por meio de suas experiências de lutas e de trabalho, sem negar a importância fundamental da educação escolar como espaço privilegiado de acesso ao conhecimento produzido pela humanidade (ARAÚJO, 2012).

Comunidade Barreiro Grande e a experiência formativa

O quilombo Barreiro Grande fica localizado a 30km da sede do município de Serra do Ramalho a comunidade se organiza nos afazeres da pesca, artesanato, agricultura e do comércio local, associação e tem uma cultura muito forte, o Samba de Roda. Feita essa pequena contextualização, é interessante situar o desenvolvimento do projeto realizado na comunidade Barreiro Grande, estruturado em dois momentos: no primeiro momento, dia 12 de setembro de 2019, realizamos uma discussão com os professores da escola sobre os princípios da Educação do Campo, proposta pedagógica, metodologia, avaliação e construímos uma proposta que estabelecia a relação entre as pessoas mais velhas da comunidade, estudantes da EJA e os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental que na referida escola funciona em turma multisseriada.

O segundo encontro, dia 19 de setembro de 2019, realizamos a aplicação da proposta construída no encontro anterior, uma roda de diálogo dimensionando a relação de trabalho e produção com a turma multisseriada, com o tema “Tecendo saberes”, em que os alunos da Educação de Jovens e Adultos socializaram suas experiências, trabalho e história de vida para os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Participaram desse projeto 2 coordenadores, 3 professores e 30 alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental e da EJA, público ofertado pela escola. A EJA, centro dessa atividade é composta de 10 alunos com faixa etária entre 30 e 50 anos de idade. Durante a roda de diálogo, as estudantes expuseram trabalhos artesanais, contaram as formas de vida e produção da existência na comunidade,



suas memórias/histórias de vida, a culinária e cada fato narrado, as estudantes iam construindo saberes com os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Análise e discussão: momentos formativos

A concepção humanista de educação tem o ser humano e sua humanização como problema pedagógico, não reduz as questões educativas a conteúdos pedagógicos, carga horárias mínimas, verificação de rendimentos, exames dentre outros, antes “a história da EJA mostre que os avanços pedagógicos somente foram possíveis com liberdade para criar” (ARROYO, 2005, p. 225). Nesse viés de entendimento, durante o encontro formativo contamos com estudantes da EJA socializando suas culturas, formas de vida, memórias e produção artesanal (Figura 1).

Figura 1 – Estudante da EJA em uma roda de diálogo



Fonte: Registros do Projeto Tecendo Saberes (2019).

As imagens mostram que as práticas sociais e culturais fazem parte da vivência e produções diárias das estudantes da EJA e, eles sentem satisfação em mostrar e/ou ensinar as crianças como se dar a produção destes artefatos, a exemplo de crochê, ponto cruz, bordado, dentre outros. Essas práticas educativas são pontos de reflexão para Passos (2005) que discute a pedagogia multirracial e a pedagogia popular a partir da vida cotidiana dos grupos étnicos, raciais e culturais como possibilidade de construção do conhecimento curricular e das relações pedagógicas.

Arrayo (2012) é enfático ao afirmar que as pedagogias escolares avançam no reconhecimento de que os Outros sujeitos, outras crianças, adolescentes, jovens e adultos que chegam às escolas e às universidades chegam outros conhecimentos, outras vivências de mundo, outras leituras de mundo, de cidade, de campo, bem como outras formas de ser/viver a infância, a adolescência e a juventude, que também devem ocupar o latifúndio do saber. Fechando o projeto, sentamos para ouvir os relatos das estudantes da EJA, sobre a trajetória de vida, as dificuldades, a vida de antigamente e agora, momento único ao possibilitar que



IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E III SEMINÁRIO DA CONSCIÊNCIA NEGRA

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALIDADE: SABERES E SENTIDOS



estes sujeitos falassem. Embora os relatos trouxessem eventos tensos, alegres, tristes, sofridos, dentre outros, todos acompanharam com muita concentração e aprendizagem.

Considerações finais

O projeto Tecendo Saberes problematizou questões tensas para Educação de Jovens e Adultos, das quais podemos elencar: a construção de um currículo que valorize a diversidade cultural, social e política dos sujeitos envolvidos e, mostrou a relação da cultura e da identidade dos estudantes como processo formativo. Evidenciou que a escola precisa se vincular às questões próprias de sua realidade, saberes e memória coletiva, como aponta a identidade da escola do campo.

Referências

ARAÚJO, Maria Nalva Rodrigues de. Educação de jovens e adultos. In: CALDART, Roseli Salete et al. (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ARROYO, Miguel G. **A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão**. In: Construção coletiva: contribuição à educação de jovens e adultos. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

BRASIL. **Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm. Acesso em: 1 jan. 2019.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. In: CALDART, Roseli Salete et al. (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

DURANTE, Marta. **Alfabetização de adultos: leitura e produção de textos**. Porto Alegre: 2003.

FERNANDES, Bernardo Mançano; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. Primeira conferência nacional “Por uma Educação Básica no Campo”. In: ARROYO, Miguel Gonzáles; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castanha (Orgs). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2009

PASSOS, Joana Célia dos. As práticas educativas do movimento negro e a educação de jovens e adultos. **Construção coletiva: contribuição à educação de jovens e adultos**. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.